

TRANSCRIÇÃO DA PALESTRA DO ARQUITETO PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA

Seminário Docomomo Nordeste

Salvador, 5 de junho de 2008

Agradeço o convite aos organizadores do evento.

Anteriormente, neste Encontro, dois arquitetos, com idades próximas de 80 anos, palestraram. Também tenho quase 80, o que poderá significar uma rica e singular experiência de vida, esperando transmitir, agora e com muita brevidade, alguns traços dessa minha longa trajetória. Devido ao tempo disponível, já são 12 horas e a palestra estava programada para as 11 horas, o horário não é muito cômodo, não é verdade? Mas, vamos lá...

Farei uma rápida apresentação, embora tivesse muita coisa para dizer, pois a minha trajetória de vida possui diferentes dimensões.

Terminei o curso de Engenharia Civil em 1951, na Escola Politécnica da UFBA, embora tivesse uma natural vocação para o universo das artes e, principalmente, para a arquitetura. Não optei pela arquitetura na Bahia, pois a Escola de Belas Artes, embora tivesse um curso de arquitetura, percebi que ainda se identificava com uma formação acadêmica, pois eu havia estudado no Rio de Janeiro, em 1946, e com 17 anos conheci exemplares de arquitetura moderna – o Ministério da Educação, a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o aeroporto Santos Dumont –, obras que despertaram em mim o grande interesse pela nova arquitetura. Também fiquei informado do conjunto de Pampulha (MG) e, em 1948, retornando ao Rio, visitei Oscar Niemeyer em seu escritório, então situado na Candelária, centro da Cidade. Ele me recebeu com sua natural generosidade e me ofereceu duas fotos de maquetes de seus projetos.

Mesmo estudando engenharia, minhas preocupações se voltavam para o universo da arte e, principalmente, para a arquitetura. Durante meu curso, me interessei pelas artes plásticas e participei do 1º Salão Baiano de Artes Plásticas, em 1949, ano do Centenário da Cidade, no térreo do hotel da Bahia, projeto moderno em fase de conclusão. Cheguei a organizar um Salão Politécnico de Artes Plásticas na biblioteca da Escola no Relógio de São Pedro. Inclusive, em 1951, ano de minha formatura, organizei o 1º Salão Universitário Brasileiro de Artes Plásticas no *hall* do Instituto Histórico, com apoio de Anísio Teixeira, então Secretário de Educação do

Estado da Bahia. Na oportunidade, apresentei um projeto de capela, inspirado na igreja de Pampulha.

Uma vez engenheiro, logo em seguida, em março de 1952, viajei para a Itália com o objetivo de estudar arquitetura. E o porquê desta escolha? Sem dúvida em decorrência de meu ambiente familiar, pois meus pais eram Italianos e, em casa, muitas referências eram feitas ao país, a sua história e cultura.

De fato, com a chegada em Roma, comecei a perceber uma realidade bastante diferente, influências diversas, um ambiente cultural em efervescência, ainda na fase de reconstrução do pós-guerra. Depois de um período de ambientação, me inscrevi na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, a qual reconheceu meu diploma de engenheiro civil. Prescreveram dez disciplinas que deveriam ser cursadas, todas elas específicas da formação de arquiteto.

Nesses anos de estudo em Roma, percebi quanto mudei em relação a minha formação cultural em Salvador, bem diferente e ampliada daquela obtida na capital baiana que, na época, teria entorno de 450 mil habitantes, e também em relação a minha experiência carioca. E isso, em uma Itália de pós-guerra e grande efervescência política e cultural, sob a égide do pensamento historicista.

Nesse período ocorreu uma significativa inflexão na minha forma de pensar, passando de uma forma de pensar transcendente (com base teológica) para uma forma de pensar imanente. Nessa desterritorialização do meu pensamento, muito contribuiu a assídua frequência aos cursos noturnos do Instituto Cultural Antônio Gramsci, local de divulgação e orientação do pensamento marxista, onde tive oportunidade de adquirir uma formação política, não no sentido ortodoxo, partidária, mas prevalentemente cultural, pois nunca me filiei a nenhum partido político. Entre os pensadores que ministravam aulas no mencionado Instituto, vale destacar o filósofo/senador Galvano Della Volpe e o economista e deputado Antonio Pesenti, cujos ensinamentos eram voltados para uma visão de mundo, uma ética de afirmação dos direitos humanos.

No âmbito da reconstrução do país, as preocupações teóricas com a cidade e com a arquitetura (criação das revistas: *Urbanística* e *L'architettura*) estavam na ordem do dia e muitas referências eram feitas aos países nórdicos, Suécia e Finlândia, com base no conceito de "arquitetura orgânica", e isso, em oposição à arquitetura racional (funcional). Esse clima cultural me levou nas férias de 1954 a visitar um conjunto de países (Suíça, Alemanha, Dinamarca, Suécia e Finlândia), e isso de mochila e usando *auto-stop* e alugando bicicletas, hospedando-me em albergues da juventude. Na Finlândia, tive a ousadia de visitar o famoso arquiteto Alvar Aalto,

em pleno verão, que nos recebeu de bermuda, em visita conjuntamente com um grupo de jovens arquitetos franceses.

Voltando à Itália, passei o mês de setembro em Veneza, frequentando o Curso de Verão promovido pelo CIAM, para jovens arquitetos e estudantes, tendo como temática “Salvar Veneza”. Foi uma excelente oportunidade para desenvolver um conjunto de ideias, aplicando os insumos do pensamento marxista adquiridos no Instituto Gramsci, em Roma, fato que me levou a tomar uma posição de resistência às principais diretrizes e enunciados do mencionado curso, ao tempo em que desenvolvi algumas e diferentes questões relacionadas com o envolvimento e a participação da comunidade nos destinos da cidade, questões que, posteriormente, marcaram minha atividade docente e profissional.

O que desejo mostrar agora é uma breve história de minha trajetória enquanto arquiteto, *designer* e artista plástico. Todavia vale salientar que mais de 60% de minhas atividades como projetista não têm registro, documentação, e isso, tanto em projetos de arquitetura quanto em projetos de arquitetura de interiores, descartáveis no tempo, ou seja, projetos para bancos, hotéis, lojas, escritórios, residências e, ainda mais descartáveis, as atividades efêmeras, tais como: cenário para peça teatral, presépios, decoração carnavalesca, ilustrações de contos, capas de livros, murais, cartazes de eventos, móveis (mesas, armários, camas, estantes, bancadas, biombos, divisórias, treliças) entre outras atividades artísticas. Quanto aos projetos de arquitetura, possuo uma diminuta documentação, considerando que cinco residências já foram destruídas e mais três estão nos planos da voraz especulação imobiliária.

Minha vocação para o desenho foi favorecida com a chegada em Salvador de um casal idoso de judeus refugiados da Alemanha nazista. Ele, arquiteto, precisava sobreviver e, então, começou a dar aulas de desenho de observação e técnica de aquarela. Eu tinha 14 anos e o que aprendi com ele foi básico para subseqüentes atividades artísticas.

Quando voltei da Itália, por motivos familiares, fiquei à frente da construção já iniciada do edifício Nossa Senhora de Loreto, meu primeiro projeto. Em 1959 com a separação do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes, fui convidado a lecionar na recém-criada Faculdade de Arquitetura, a disciplina Composição Decorativa, e isso em decorrência de ter realizado o extenso mural do antigo Cine Tupi, em 1959 (destruído em 65), uma exposição de desenhos, e autor do “Presépio da Lapa”. Todavia comecei a lecionar mudando o conteúdo programático da disciplina e orientado-a, especificamente, para projetos de arquitetura de interiores e seus equipamentos, ficando a decoração apenas como uma atividade mais epidérmica.

Quando comecei a lecionar, fui convidado a trabalhar na mais moderna loja de móveis de Salvador, a RALF, a qual comercializava móveis da Knoll Internacional, através da Forma, móveis da Oca, do *design* Sérgio Rodrigues, no Rio de Janeiro, e do L'Atelier, do arquiteto Zalupin, em São Paulo. Então, passei a ser responsável por projetos de arquitetura de interiores de bancos, escritórios, hotéis e residências. Lembro, naquela oportunidade, que não existia propriamente uma preocupação em fotografar tudo para justificar um currículo, pois a competição não era tão acirrada como hoje e tinha em minha mente que todos os trabalhos realizados constituíam etapas, pois o sentido de progresso não permitia olhar para trás e resultados melhores estariam por vir. Documentar, por que, se a vida em “progresso” era uma constante mutação, superação?

Edifício Nossa senhora de Loreto – 1954

Passemos agora a ver alguns projetos. O primeiro, de 1954, cujo estudo preliminar enviei de Roma, na dimensão de uma carta em papel fino, encomendado por meu pai, projeto residencial, inicialmente de 12 apartamentos e, em seguida, decidiu-se elevar para 18, lembrando que meus pais tiveram 12 filhos (cabendo um apartamento para cada filho). Trata-se do edifício Nossa Senhora de Loreto, no bairro dos Barris, em Salvador. Na etapa das fundações do edifício, foi eliminada do projeto a construção da garagem semienterrada, e isso, por aconselhamento da empreiteira, pois tal empreendimento iria onerar bastante o custo da obra. Vale lembrar que, na oportunidade, nenhum membro de minha família possuía automóvel.

Na época, ainda não era comum, nos edifícios de habitação coletiva, reservar, no pavimento térreo, um espaço destinado às festas. Na antiga residência de minha família, havia uma ampla sala de visita que funcionava como salão de festas. Então foi decidido um salão de festas no pavimento térreo, todavia com o pé direito de 4,00 m, pois deveria abrigar o lustre de cristal da velha casa, peça da segunda metade do século XIX, outrora alimentado a gás e adaptado à iluminação elétrica, medindo 2,20 m. Considerando que não foi construída a garagem semienterrada, o *playground* ficou com o mesmo pé direito, em lugar dos 2,90 m então previstos. Independente do salão de festas no térreo, foi previsto também uma área generosa, parcialmente coberta e coletiva no 10º pavimento (terraço), para convívio dos moradores e festas menores. Inclusive, funcionava como solário, onde alguns moradores passaram a tomar banho de sol.

Vale salientar que, do ponto de vista construtivo, o edifício apresenta uma inovação: o uso de lajes de blocos cerâmicos, *design* diferente (patente italiana), processo parecido ao da laje volterrana. Os blocos eram fabricados na Ilha de Itaparica, em

Mocambo, onde meu pai montou um olaria com dois sócios e técnicos italianos no início da década de 1950. Os blocos eram transportados para Salvador por saveiros. Vale lembrar que não tive a oportunidade de desenvolver e detalhar o projeto, pois a minha família, pressionada pela empresa construtora interessada em iniciar a construção, se prontificou a desenvolver o estudo preliminar e, consensualmente, minha família silenciou. Admitiu que, “se Pasqualino for desenvolver o projeto, vai demorar um século para entregar”. A empresa foi indicada por um meu cunhado comunista, amigo do diretor da empresa que também apoiava a ideologia de esquerda. A obra foi iniciada sem que eu fosse notificado. O dinheiro disponível acabou na realização da estrutura e no levantamento das paredes internas e externas, sem que ninguém da família efetuasse um efetivo controle sobre os gastos. Na oportunidade, foram levantadas dúvidas e suspeitas, considerando a condição burguesa da minha família, de que algum “desvio” ideológico de verbas poderia ter ocorrido.

Dispensada a construtora, criou-se uma situação indefinida: o que fazer em seguida? O dinheiro era pouco e, mesmo com o empréstimo levantado no banco, o que fazer? Tornava-se necessário alguém da família assumir a construção. Solução: minha mãe viajou para a Itália, com o objetivo de me trazer de volta e assumir o comando do empreendimento. Afinal de contas eu era engenheiro civil. Interrompi o curso, faltando defender a “Láurea de Dottore in Architettura”. Voltei e assumi o comando da obra, sem possuir uma necessária experiência em canteiro de obra. Em ritmo muito lento, a obra terminou quatro anos depois da minha chegada, isto é, em 1962, e foi para mim uma aprendizagem, uma experiência singular, pois, simultaneamente, já lecionava na FAUFBA e trabalhava na parte da tarde na RALF.

A pressa da construtora em iniciar a construção impediu que se fizesse uma rigorosa locação do edifício no terreno. A obra foi iniciada com as fundações do bloco esquerdo e quando se passou para o bloco à direita, verificou-se que a linha limite do terreno não era perpendicular à fachada, como indicava o levantamento em que se fundamentou a concepção do projeto, fato esse que provocou a redução da fachada posterior de 1,50 m, pois as fundações do bloco à esquerda já estavam concluídas.

A tipologia do edifício em planta apresenta uma fachada movimentada com varandas, com influência marcante do repertório formal europeu e diferente, portanto, do que se vinha produzindo em nosso país em termos de arquitetura moderna em edifícios plurifamiliares, edifícios compactos, via de regra retangulares. Repintado em 2002, manteve a composição gráfica do desenho de uma das fachadas a guisa de um ornamento. De fato, a fachada segue uma composição caprichosa e vale lembrar que eu tinha 25 anos e com alguma experiência no universo das artes plásticas e, portanto, é possível visualizar a demarcação das varandas com tinta preta e o jogo

alternado das cores branco e amarelo/creme. Estou mostrando uma foto do salão de festas.

Vale lembrar que usamos poucos materiais: massa única nas paredes; esquadrias de ipê (espécie hoje preservada), as quais, depois de meio século, continuam funcionando sem nenhum problema; piso da sala de estar e quartos de peroba/rosa; o restante dos pisos revestidos de pastilha hexagonal, fantasia (refugo de fábrica): a escada e as bancadas da copa/cozinha de “marmorite”.



Foto 1 - Edifício Nossa Senhora de Loreto – 1954¹

Residência Boris Tabacoff – 1961

Antes de voltar para a Itália, em 1963, e defender a tese, projetei a residência do engenheiro Boris Tabacoff, na Ladeira da Barra, a terceira edificação à esquerda de quem desce, a qual sofreu diversas intervenções e hoje funciona uma academia. O terreno é estreito e, praticamente, só tem a fachada principal com boa visibilidade. Cobertura de duas águas, telhas Eternit, inclinação suave em contraposição aos telhados coloniais e com forro em tabuado de ipê que se projeta para a fachada, duplicando a projeção do telhado de Eternit. Os responsáveis pela academia preencheram a pérgula do pavimento térreo, e isso, para ampliar o piso da varanda do primeiro pavimento. Só ficou uma foto da fachada do projeto original, feita em



Foto 2 - Residência Boris Tabacoff – 1961

1976, por meu ex-aluno Luiz Antônio de Souza, o qual, naquele ano fotografou alguns projetos meus, em função da inscrição que fiz para o concurso de Livre Docência, eternamente adiado e nunca realizado. Não costumava fotografar minhas obras, pois sempre pensava que poderia produzir algo melhor e, portanto, não dava muita importância ao que já havia feito.

Residência José Tavares Dantas – 1964

Voltando da Itália, depois de defender a tese sobre “Edificações pré-fabricadas em ferro e alumínio, sistema FEAL, projetos para escolas de 2º grau”, no final de 1964, projetei a residência de 1.050 m² do fazendeiro/pecuarista José Tavares Dantas, no bairro da Graça, um dos meus melhores projetos residenciais, apresentado na Bienal de São Paulo de 1969, na seção de arquitetura. Residência destruída em 2005 e em seu lugar encontra-se, hoje, uma elevada torre de apartamentos.

A estrutura em concreto com recorrentes balanços, cobertura de “Etenit meio tubo” utilizada pela primeira vez por Sérgio Bernardes, em sua residência no Rio de Janeiro; forro nos dois pavimentos em ipê; esquadrias externas no pavimento superior em pau d’arco e de alumínio anodizado no pavimento inferior; portas maciças de jacarandá tipo “mexicano” (tabuado); piso pavimento inferior em mármore branco e no piso superior tabuado de pau d’arco. A escada circular, toda em jacarandá de peças maciças.

Vale lembrar que, sem meu conhecimento, duas jovens arquitetas recém-formadas, haviam anteriormente feito violentas intervenções no projeto, numa atitude de falta de ética, e isso à revelia do autor do projeto: fecharam a varanda do pavimento superior; ampliaram a residência na fachada posterior; substituíram o telhado meio-tubo por telha “canaleta 90” industrial, de maior dimensão, desfigurando, assim, o telhado inicialmente projetado. Pintaram as vigas de concreto aparente nos espaços interiores e que modulavam o forro de ipê, no pavimento térreo, com tinta imitando madeira, e a estrutura helicoidal da escada, também em concreto, recebeu tinta branca, sugerindo um revestimento em gesso. Destruíram o jardim com sua fonte, para dar lugar ao estacionamento, pois a residência passou a ter uma nova destinação, bem deferente: sede do Clube de Bridge e um restaurante. Esclareço que não sou contra a requalificação e adaptação de uma edificação, mas o importante é o respeito à concepção original do projeto, ao qual podem ser agregadas alterações em concordância com o autor do projeto.



Foto 3 - Residência José Tavares Dantas - 1964

Residência de Augusto Almendra – 1968

Ainda no final da década de 1960, projetei a residência de Augusto Almendra, no Morro Ipiranga, edificação caracterizada por uma sequência de abóbadas no teto do pavimento térreo, portas de jacarandá com visor com dupla palhinha. Uma característica do projeto é o acesso direto do vestíbulo de entrada ao escritório do proprietário, num plano intermediário, e deste ao dormitório do casal. No vestíbulo dos dormitórios, à guisa de estar íntimo, a presença de uma geladeira e uma divisória treliçada por medida de segurança, protegendo à noite os dormitórios, considerando que, no pavimento térreo, os vãos que dão para o jardim são vedados por vidro blindex. Na ampla porta da entrada principal, em sua face interior, um painel esculpido em madeira, do artista Juarez Paraíso.



Foto 4 - Residência de Augusto Almendra - 1968

Sede do Banco do Nordeste em Salvador – 1970

Iniciada a década de setenta, projetei a sede do Banco do Nordeste, em Salvador, em parceria com Chango (Rafael Cordiviola), projeto premiado em concurso. O projeto é nosso, entretanto a vedação da fachada foi radicalmente alterada, em virtude da

rescisão do contrato. Explico: a fachada tinha um partido de elementos horizontais, parapeitos de concreto aparente e faixas de vidro blindex, evitando, assim, revestimentos e o emprego de alumínio nas esquadrias, a exemplo do Banco Guanabara, no Rio de Janeiro. Fui a São Paulo para melhor me informar sobre o emprego do vidro blindex e do detalhe para evitar penetração da chuva, sem usar perfis de alumínio. Todavia tal propósito não surtiu efeito, pois o Banco desejava revestir o concreto aparente, então cuidadosamente preparado na confecção das formas de madeirite, recobrando-o com mármore ou granito. Não concordamos com tal imposição, pois, por uma questão do princípio ético defendido pela arquitetura moderna, ou seja, expressar a honestidade dos materiais, tomamos a atitude radical de não concordar com o revestimento proposto. Chegamos a fazer uma consulta jurídica e fomos aconselhados a não enfrentar o Banco, pois, não existindo uma jurisprudência sobre a questão, nenhum juiz nos daria razão. Para o senso comum, revestir uma edificação de mármore ou granito seria o desejável. Vale lembrar que o país estava sobre controle da ditadura militar e, por mais justificativas que apresentássemos, insistindo em manter o concreto aparente e o blindex na fachada,

pois exigíamos respeito a um projeto premiado em concurso. Por uma questão de princípio, acabamos rescindindo o contrato. Convidaram então outro escritório de arquitetura, que se dispôs a terminar a construção, porém teve o cuidado de nos avisar por telefone que havia sido contratado pelo Banco. O mais grave, para nós, não foi o revestimento que o escritório convidado se dispôs a cumprir, mas a alteração da concepção básica da fachada, em que predominava a linha horizontal, acompanhando uma suave curva na fachada principal. O partido da fachada passou a ter composição vertical com perfis de alumínio percorrendo toda a altura do edifício, segmentando os vãos de vidro, justamente o contrário da concepção original. Resultou em um “cristaleira” de vidro e alumínio. Quanto à distribuição interna dos espaços flexíveis, escada e elevadores, considerando que já estavam executados, basicamente não houve alteração, apenas nos revestimentos.



Foto 5 - Sede do Banco do Nordeste em Salvador - 1970

Residência de Mário Félix – 1973

Projetei a residência do Sr. Mário Félix no Morro do Gato, num terreno de acentuado declive da rua de acesso para baixo, com vista para o mar. Partido arquitetônico em quatro níveis: no superior, a garagem que se conecta com o primeiro subsolo do estar social e jantar com pé direito duplo, espaço demarcado pela presença da



Foto 6 - Residência de Mário Félix – 1973

escada que parece flutuar e com vista para o mar; no segundo subsolo, quatro suites; descendo ainda mais, o estar íntimo, copa cozinha e espaços de serviços; finalmente, no quarto subsolo, contido por uma muralha de 7,00 m, a piscina. Residência destruída sem que seu autor fosse avisado, pois, morando em Itaparica, não tinha conhecimento do ocorrido.

Levei minha orientanda, Ariadne Moraes, que se dispôs a fotografar a residência. Cadê a residência? Sumiu! Em seu lugar construíram um edifício de apartamentos.

Residência Angela Carvalho – 1973

Residência no Morro Ipiranga, terreno em frente ao mar. O módulo inicial do projeto, um tapete persa de 5,00 x 3,00 m herdado pela proprietária de seu pai. O ponto crucial do projeto exigia um absoluto controle da área serviçal a partir do pavimento superior, uma espécie de dispositivo panóptico... A cobertura em duas águas na fachada principal tem um expressivo balanço. Conjuntamente com a residência contígua, de Augusto Almendra, estão na mira da especulação imobiliária.



Foto 7 - Residência Angela Carvalho – 1973

Ampliação do Seminário Central da Federação – 1973

No mesmo ano, em parceria com o arquiteto Pedro Rosa, o projeto de ampliação do Seminário Central de Salvador, no bairro da Federação, na Avenida Cardeal da Silva. Foram construídos: biblioteca, administração, refeitório, alojamento. O projeto da capela, embora executado, sua construção foi adiada e até hoje não foi construída. O partido arquitetônico é orientado como configuração geométrica por uma malha de triangular de 1,20 m de lado.



Foto 8 - Ampliação do Seminário Central da Federação - 1973

Residência Antônio Limoeiro – 1974

Residência no alto de Ondina e que, recentemente, foi parcialmente danificada por um curto-circuito e foram reparados os espaços atingidos. O proprietário, porém, alegou que se encontra em idade avançada, e a residência é muito grande para o casal e tem a questão da segurança. Tudo indica que será também vendida e, provavelmente, em função do valor e da localização, uma nova torre de apartamentos surgirá no local. De peculiar, a planta do primeiro pavimento, evitando a escada para os dormitórios que estariam num segundo pavimento, a planta, por exigência

de sua esposa, assume a expressão de um mega apartamento. Na composição, no pavimento térreo, há um espelho de água que penetra no espaço vedado por vãos de blindex, passando sob a escada de acesso ao 1º pavimento. O forro do térreo era de alumínio (Luxalon) cor verde, devido ao incêndio, foi substituído por gesso, descacterizando a expressão original da residência. Considerando o declive do terreno, o térreo se prolonga à guisa de uma varanda/mezanino, recriando um pé direito duplo que dá para o jardim situado mais abaixo. A casa, por seus generosos espaços, abrigou, em 2007, a exposição “Pague menos e viva melhor”, versão mais econômica do que a “Casa Cor”.



Foto 9 - Residência Antônio Limoeiro - 1974

Residência Almir Pato – 1975

No mesmo ano, projetei a residência do Sr. Almir Pato, no Jardim Apipema. Situada num terreno pequeno, talvez por essa razão ainda não tentaram demoli-la, porque, para um lucrativo investimento imobiliário, seria necessário um terreno maior, com a compra de mais duas ou três residências contíguas, solução que não seria lucrativa. A residência está bem conservada, apresenta uma solução bem compacta, com boa otimização funcional dos espaços. Em seu aspecto formal, há uma evocação tradicional na cobertura de quatro águas de telha cerâmica e generoso balanço. Posteriormente, o proprietário solicitou incluir uma pequena piscina no exíguo espaço externo disponível, que adquiriu uma forma circular.



Foto 10 - Residência Almir Pato - 1975

Residência Adriano Tosto – 1976

Situada na Avenida Waldemar Falcão, penso que tenha sido uma das melhores casas que projetei. Lamentavelmente, também foi demolida para dar lugar a mais

uma torre de apartamentos, com a compra da casa vizinha. O terreno em declive para poente, permitiu a construção de uma piscina, em decorrência da construção de um muro de alvenaria de pedra alta de 5,00 m. Havia uma bela mangueira no meio do terreno e o partido arquitetônico a considerou; para não anular sua presença próxima à varanda, para quem nela se encontrasse, elevei o pé direito da varanda acima do piso dos dormitórios, permitindo, assim, projetar lateralmente outra varanda menor em balanço, ou seja, uma varanda dentro da varanda maior. Tal solução permitiu ainda projetar, no espaço da varanda maior, uma “conversadeira”, conceitualmente de inspiração colonial, e isso, internamente, na passarela de acesso aos dormitórios, no piso superior, circulação sobre o vazio do estar social. A fachada principal muito singela é de apenas um pavimento, com a porta principal de entrada



Foto 11 - Residência Adriano Tosto - 1976

e da garagem para dois veículos com comunicação interna. Uma mureta de 1,00 m serve de apoio a uma pérgula de robustas peças de madeira e, portanto, com pouco espaçamento entre elas, impedindo, assim, a acessibilidade ao pavimento inferior, onde se encontram os espaços sociais que dão para a varanda maior, sombreada pela frondosa mangueira.

Centro de Educação Tecnológica (CENTEC) – 1976

Coordenando uma equipe de arquitetos, projetei o Centro de Educação Tecnológica no município de Simões Filho. Trata-se do único exemplar em nosso estado, utilizando o sistema de coberturas idealizado por Eládio Dieste, engenheiro uruguaio:



Foto 12 - Centro de Educação Tecnológica (CENTEC) - 1976

abóbadas cerâmicas protendidas. Tem uma área de 15.000 m². Compõe-se de quatro blocos dispostos paralelamente e articulados por uma passarela em concreto armado: o bloco da Administração, o da Mecânica, o pavilhão com dez generosas salas de aula de 100 m² cada e os laboratórios de Química e Física. Depois de mais de uma década de abandono, as salas de

aula e os laboratórios foram recuperados e seus espaços reciclados e requalificados, incluindo outras atividades. As coberturas foram externamente repintadas com a original tinta impermeabilizante. As abóbadas têm o vão livre de 25,00 m e 2,50 m em balanço, e cada uma comporta um domus que contribui para a iluminação do vão central de cada abóbada.

Na portaria do Centro, surpreende a composição de três abóbadas apoiadas em apenas quatro pilares alinhados, dois para cada uma delas, e com um balanço livre de 7,00 m de cada lado, ou seja, um vão total de 14,00 m com apenas um apoio.

Residência do arquiteto Haw – 1977

Em 1977, desenvolvi o projeto da residência do arquiteto chinês Haw, exportador de óleo de mamona e radicado na Bahia. O terreno de 8.000 m, em declive, liga a Avenida Waldemar Falcão ao Vale da Lucaia, nas proximidades da Embasa. Uma composição singular situa o projeto na meia encosta, com adequada acessibilidade de valor paisagístico e atendendo um específico programa do modo de vida do arquiteto e de sua família, com sofisticado detalhamento das diferentes funções e, inclusive, a especificação de equipamentos e mobiliário. Telhado de quatro águas e balanços generosos, em que duas delas são prolongadas, permitindo a iluminação de um ateliê de arte da filha do proprietário.



Foto 13 - Residência do arquiteto Haw - 1977

Residência do arquiteto em Itaparica – 1968/2001

O projeto teve início com a restauração de uma ruína do século XIX, o “Mirante” de dois pavimentos da casa grande do antigo engenho, medindo apenas 6,00 x 4,00 m e acrescida de 20,00 m² para dotar o imóvel de cozinha, banheiro e pequeno vão de 4,00 m² no pavimento inferior e um banheiro no piso superior. Diferentes alterações e acréscimos ocorreram nas quatro décadas seguintes. A casa foi publicada na revista *Arquitetura e Construção*, de novembro de 2002, mostrando as subsequentes ampliações, em planta e elevação. A casa abriga um conjunto de obras de arte acumuladas ao longo dos anos. A ampliação foi feita em função de uma amendoeira e uma mangueira existentes. A primeira, já adulta, foi afetada por micro organismos e teve de ser retirada; a segunda, uma forte ventania a derrubou, ficando a casa desprotegida da incidência solar. Então, plantei uma trepadeira que

recobre parte da edificação, todavia tal solução vem criando outro problema: acessibilidade de roedores e, para neutralizar tal inconveniente, a solução foi adotar gatos no terreno.

Hoje, a edificação se caracteriza pela presença de uma torre de 14,00 m de altura (o *Empire State* da cidade) a qual sustenta um reservatório de 4.000 litros, dando lugar a um mirante com um amplo panorama sobre o mar e a cidade, esta parcialmente coberta pela vegetação do terreno.

Trata-se de uma arquitetura com sistema construtivo tradicional, articulando um conjunto de ambientes retangulares, com vãos abertos à guisa de varandas e apenas protegidos por telas, uso de laje volterrana aparente e longarinas de concreto cobertas



Foto 14 - Residência do arquiteto em Itaparica - 1968/2001

por tábuas de pau d'arco; piso cimentado pintado e as poucas esquadrias de ipê, reaproveitadas do edifício N. S. de Loreto, cedidas por meu sobrinho, substituindo-as por blindex.

Palco móvel do Pelourinho – 1992

Essa é uma novela que já dura 17 anos. Esse palco foi, pra mim, uma ideia, talvez a mais criativa que tive em minha vida como proposta urbana no Centro histórico de Salvador. Um projeto que emprega a Tecnologia utilizada em plataformas de petróleo. Trata-se de um palco deslizante, à guisa de uma gaveta que se projeta sobre a ladeira do Pelourinho, saindo da edificação, proposta num terreno baldio frontal e um pouco abaixo da Igreja do Rosário dos Pretos. A edificação abriga a estrutura metálica do palco deslizante de 14,00 m em balanço e mais 7,00 m que permanecem no interior da edificação, portanto, uma estrutura metálica de 21,00 m por 9,00 m de profundidade e 7,00 m de altura. A edificação em concreto armado abriga, além do Palco deslizante, um amplo espaço de exposição com sobreloja no pavimento semienterrado e, nos outros três pavimentos: a administração, vestiários, banheiros, cantina, depósitos e acessibilidade dos artistas pela Rua do Taboão. A fachada tem um tratamento com materiais contemporâneos e certa evocação

estilística adequada ao espaço tombado. Recentemente, o IPAC tem se mobilizado, visando sua realização.

Esse projeto, que foi politicamente vetado por Antônio Carlos Magalhães, considerando que seu autor esteve sempre em oposição a seu governo de “direita” e a suas práticas autoritárias. Mesmo sem aderir a partido político, sempre fui um ativista independente à “esquerda”, posição iniciada em Brasília, em 1967, quando ali estive ensinando na UnB, atividade que dei continuidade como Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento da Bahia (IAB/BA) em dois mandatos – 1968/69 e 1980/81 – e Presidente do Sindicato (BA) – 1973/1976 –, gestões em pleno regime ditatorial e que exigia posicionamento político. Atividade de continuidade na UFBA, como membro ativo na Associação de Professores (APUB). Sem dúvida, o autor do Palco Móvel não poderia ser agraciado pelo “coronel” e seus seguidores. Situação que se agravou com um artigo meu, apresentado em evento internacional de preservação de centros históricos e publicado nos anais do evento em 1995, criticando a intervenção no Pelourinho. O projeto permaneceu enterrado por todos esses anos e parece que está sendo ressuscitado... Vamos aguardar.

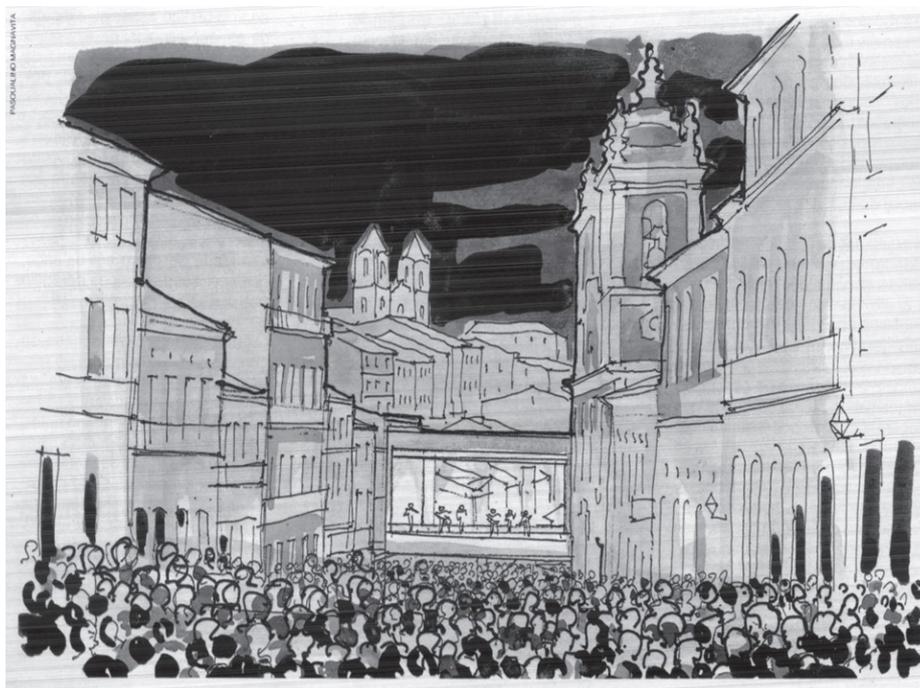


Imagem 1 - Palco móvel do Pelourinho - 1992

Concurso Público Nacional – Requalificação da Praça Cayru. 1º lugar – 2000

No início do milênio, a equipe coordenada pelo arquiteto e por Luiz Antônio de Souza, estimado ex-aluno, fez uma proposta para a requalificação da Praça Cayrú, em Salvador, para o Concurso Público Nacional. Fomos selecionados na primeira etapa, obtendo o 1º lugar na etapa final. O Presidente do Júri era o então Prefeito do Rio, o arquiteto Paulo Conde. Propusemos uma solução singular para o congestionado tráfego na Praça: um túnel de 300 m iniciando em frente à Igreja da Conceição da Praia, articulado com o Elevador Lacerda, contornando o Mercado Modelo e terminando na Avenida da França, deixando a Praça para circulação de pedestres e transformando-a na “sala de visita” da Cidade. Durante dois anos desenvolvemos o projeto com cerca de 200 pranchas digitais e, desde então, se encontra nos arquivos da Prefeitura Municipal de Salvador.

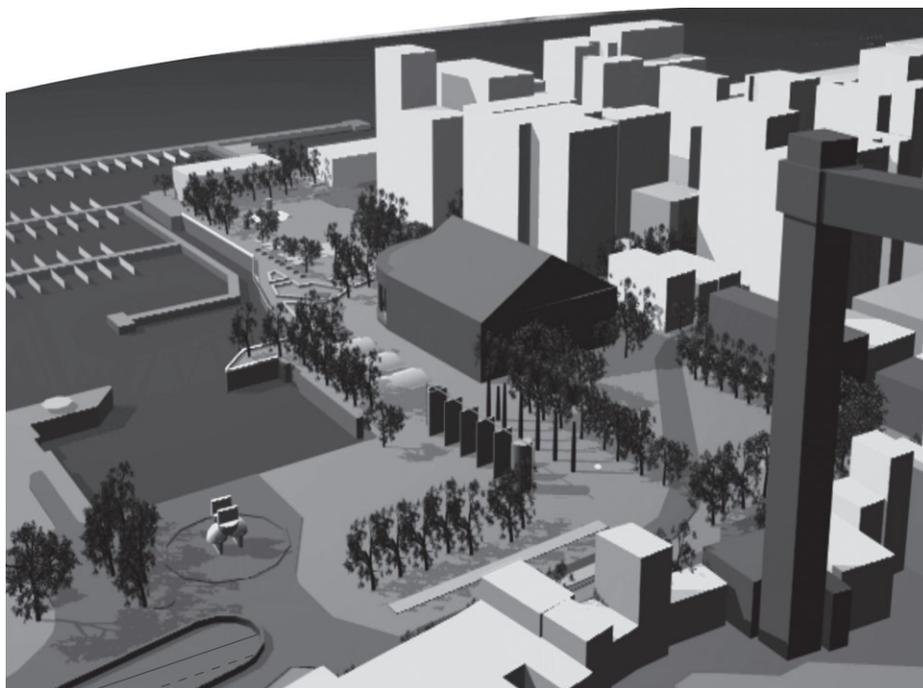


Imagem 2 - Concurso Público Nacional - Requalificação da Praça Cayrú 1º lugar - 2000

Design

Mesa Gamela Apropriação – 1966

Nesse ano comecei também a ter uma atividade em *Design*. Quero mostrar um exemplo de apropriação de um objeto de tradição popular, uma gamela de 1,00 m

de diâmetro, transformada em uma mesa de centro. Apenas coloquei um vidro circular de 90 cm sobre sua superfície, cujo reflexo sugeriria que a gamela estava cheia de água. No fundo da gamela, coloquei alguns peixes de prata, aqueles articulados de balangandãs. Apliquei essas apropriações no Palácio de Ondina, então governador Lomanto Jr. Depois, virou moda procurar nos antiquários velhas gamelas. Eu tenho uma e coloquei moedas em lugar de peixes.

Nesse mesmo ano, criei a “Op-treliça”, artifício utilizado no Cine Bahia e cujos interiores foram, lamentavelmente, transformados em sede de uma Igreja Universal. A ideia: colocar um espelho distanciado por trás da treliça, efeito este que reproduz a imagem de outra treliça. Óticamente há uma interferência das duas treliças que dificulta perceber a imagem das pessoas que se situam em frente. Ocorre apenas a passagem da luminosidade do ambiente refletido, desmaterializando a parede de apoio do espelho e sugerindo, virtualmente, que, por trás da treliça, há um ambiente.

Axé Design – 1998 a 2005

No final da década de 1980, foi criado o *axé music* em Salvador. Em 1994 escrevi um artigo, publicado na Revista AU, sobre a arquitetura de Fernando Peixoto, denominado *Axé Architecture – A Pós-modernidade na Roma Negra*. Então, pensei, por que não *axé design*? *Axé* é uma palavra mágica, que significa força nas práticas do Candomblé. A minha crença foi apenas a de uma opção estética relacionada com a cultura afrodescendente, bem caracterizada em nossa cidade, entretanto, sem nenhum envolvimento transcendental de cunho religioso de minha parte.

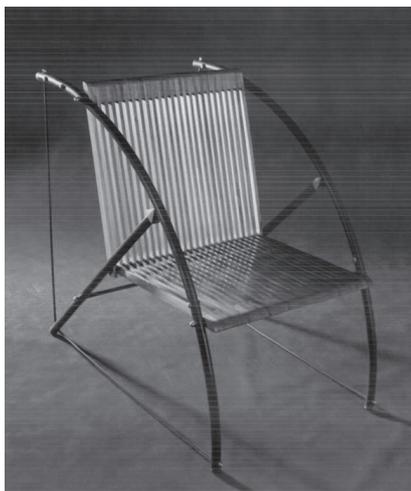


Foto 15 - Cadeira de Oxossi

A primeira criação no âmbito desse propósito foi a **cadeira de Oxossi**, divindade e senhor das matas e sua principal ferramenta, o arco e flecha, elementos que motivaram a criação. Fiz três versões dessa cadeira com a mesma estrutura em aço. A primeira com o assento e encosto em ripas de madeira; a segunda em couro verde; e a terceira em acrílico. Concorri, em 1998, ao prêmio Liceu Design e ganhei o 1º lugar e o prêmio, uma viagem a Milão, realizada em abril de 1999, visitando a Feira Internacional do Móvel na referida cidade.

Em seguida, ainda em 1999, criei a mesa de centro **Oxalá**. Por que a mesa de Oxalá? Oxalá é o pai dos orixás e, em seu dia, “dia do santo”, realiza-se um ritual, uma procissão, em que a entidade é abrigada sob um lençol branco e suspenso por fiéis, a guisa de um pálio.

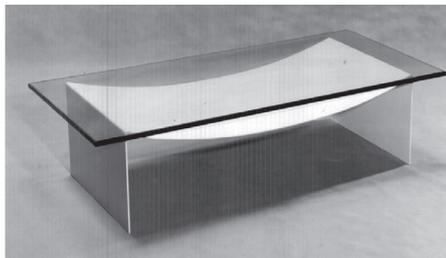


Foto 16 - Mesa de centro Oxalá

Em 2000, projetei a mesa de centro **Oxumaré**, cujo símbolo, a serpente (cobra) e o arco-íris. Trata-se de uma estrutura espiralada em aço com 3.000 pontos de solda entre arruelas e a espiral ascendente. Mais de que um *design* para reprodução, trata-se de uma escultura, um objeto artesanal, artístico e de feitura

complexa, pois a sua confecção exigiu criativo empenho do proprietário da oficina, Sílvio, o “barbudo”.

Em 1998 fiz uma intervenção urbana que ganhou o 1º Prêmio no Salão Regional de Artes Plásticas, realizado pela Fundação Cultural, em Itaparica. Trata-se de uma “instalação”, aproveitando os 38 postes de concreto armado de iluminação da Avenida 25 de outubro, pintados com desenhos geométricos coloridos de inspiração afro, dos quadros de Rubem Valentim. Esta foto é uma montagem digital de detalhes dos desenhos pintados na superfície dos postes.

Em 2001 projetei o **abebê de Iemanjá**, o espelho da vaidosa divindade do Candomblé em escala ampliada. Trata-se de uma estrutura metálica com desenho decorativo abrigando um espelho, no qual é jactado no cristal uma suposta imagem facial da “rainha do Mar”.

Não pude trazer *slides* de outros projetos: o banco de jardim Oxossi, projetado para a Praça Cayrú, e a mesas de centro de Iemanjá e Oxum.

60 anos de desenhos – 1946 a 2006

Com a curiosidade de arquiteto viajei muito pelo mundo afora para conhecer *in loco* as diferentes expressões arquitetônicas e, então, sempre procurei, através do desenho, captar paisagens urbanas de diferentes cidades e isto, desde 1946. Vou mostrar alguns desenhos apresentados na exposição individual realizada na Galeria Canizares na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA), em 2006, quando expus 123 trabalhos. Mostrarei apenas alguns que considero interessantes:

Vista panorâmica do Rio de Janeiro, do Pão de Açúcar, em manhã de neblina com vista para o Corcovado, 1946.

“Procissão Senhor dos Navegantes”, nanquim e aguada, Salvador 1951. Vale notar, que a composição mostra apenas saveiros e o povão neles, diferente de hoje, lanchas e escunas.



Imagem 3 - Procissão Senhor dos Navegantes - 1951

Guache de Ouro Preto em minha primeira visita à cidade, 1951, e lembra uma xilogravura. Na oportunidade, conheci o projeto de Oscar Niemeyer, o hotel, o qual, mesmo não sendo arquiteto então, me pareceu uma infeliz intervenção, pois, no meu entendimento, destruiu a escala urbana da cidade, e isso, por uma imposição agressiva à paisagem, caracterizando uma vontade indômita de afirmar a arquitetura moderna, atitude essa historicamente compreensível. Todavia poderia ter sido uma arquitetura moderna mais segmentada e que dialogasse com o entorno. Não deixou de ser uma violência à cidade. Tanto que o IPHAN plantou na fachada do hotel um conjunto de árvores para minimizar o impacto.

Essa perspectiva em técnica mista, nanquim e guache, é um projeto de um trabalho acadêmico que fiz como estudante de arquitetura em Roma e foi publicado na revista comemorativa dos 35 anos de fundação da Faculdade, em 1954. Trata-se de uma proposta de requalificação da praça da catedral de Viterbo, a 90 km de Roma, onde se situa a *loggja* do palácio dos papas. A indicação para publicação foi do professor de restauro. A proposta consistia em fazer uma ligação da praça com o centro da cidade, passando debaixo do arco da *loggja*, seguindo pelo vale até o centro. Apenas um trabalho acadêmico. Entretanto, retornando em 1999, 45 anos depois, a Viterbo (justificável saudosismo), constatei, para minha surpresa, que a proposta tinha sido implementada por alguém que teve a mesma ideia ou aproveitou a minha.

Desenho de Florença, o “Palazzo della Signoria”, em 1955



Imagem 4 - Escadaria da Igreja do Senhor dos Passos - 1962 (técnica mista - nanquim e pastel)

Este é um desenho do Pelourinho, em 1958. O papel está amarelo com o passar dos anos, mas era uma folha bem branca. Interessante notar a trama da fiação elétrica que parte dos postes hoje inexistentes.

Segue um desenho em nanquim e aquarela de Recife, de 1962, da “Veneza” brasileira, e os reflexos coloridos da iluminação néon no rio da cidade.

Agora o Pelourinho à noite, desenho de técnica mista (nanquim e pastel) da escadaria da Igreja do Senhor dos Passos, de 1962, registrando um casal de namorados iluminados pela fraca luz de um poste. Lugar, hoje, onde nenhum casal se propõe a namorar; ninguém arrisca...

Segue um desenho em técnica mista, nanquim e aquarela. Trata-se de uma interpretação de Roma e sua cor quente.

Agora, seguem os desenhos, a Fontana di Trevi; a Piazza San Marco em dia de chuva; vista de Nova York do Empire State (o traço feito com muita rapidez, para captar a dinâmica urbana).

Em 1994, passando por Roma, passei a desenhar e fiz alguns desenhos fantasias sobre a arquitetura barroca romana. São desenhos de livre interpretação e de arquiteturas de interiores do barroco romano e do barroco em geral, e isto, porque tive um problema na coluna, e fiquei parado em casa e desenhando. Escolhi apenas um desenho que representa essa fase interpretativa, procurando captar a dinâmica do espaço barroco com multiplicidade de referência: luz/sombra, imagens ascendentes, altares, colunas, volutas e cúpula, entre outros signos da arquitetura daquele período.

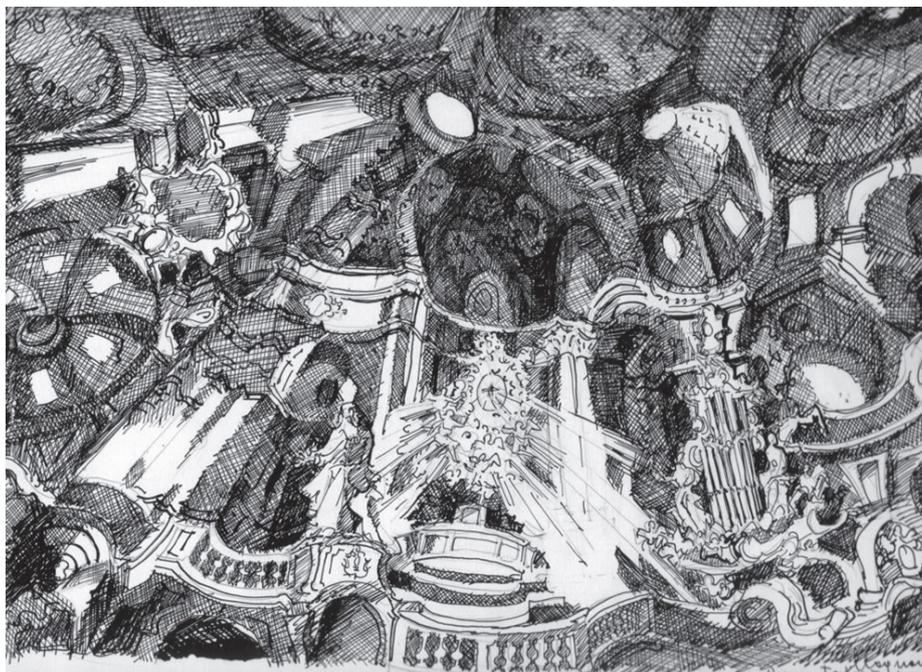


Imagem 5 - Interior Barroco - 1994

Do mesmo período, 1994, é esse desenho de Bruxelas com um conjunto de edifícios barrocos geminados. Nesse mesmo período, fiz uma quantidade enorme de desenhos de cidades da Alemanha, Áustria, Veneza, Florença e Paris. Anteriormente, em 1993, por ocasião do Congresso Internacional de Arquitetura em Chicago, da UIA, fiz inúmeros desenhos da cidade e também de Nova Iorque. Na oportunidade, visitei a casa sobre a cascata de Wright, um sonho acalentado por mais de 50 anos, quando, ainda jovem, tomei conhecimento de sua existência através de inúmeras publicações.

Este é uma aquarela da cidade de Cerro em Minas gerais, de 1999. Na oportunidade, fiz muitos desenhos e aquarelas em Diamantina e Ouro Preto.

À guisa de contraponto, esses são desenhos esquemáticos de cidades utópicas desenhadas por mim, em 1966.

Estes desenhos foram feitos em uma breve viagem à China. Nessas excursões turísticas, programadas em pacote, você fica sem tempo para desenhar; é um corre-corre sem fim, e os desenhos eram terminados no hotel, à noite, valendo-me da memória fresca e da imaginação das coisas recorrentes na paisagem chinesa: a grande muralha, os telhados, dragões, a cor vermelha e os contornos dourados e ainda a estranha e figurativa escrita para nós ocidentais.

Os desenhos que seguem são Casablanca, uma paisagem de cubos brancos (habitações) de 1986; a Pirâmide do Louvre, de 1994. Importante este outro desenho, à guisa de documento, pois as altas edificações foram destruídas no violento atentado de 2001: as Torres Gêmeas de N.Y, desenho de 1997.

Este desenho de Hong Kong, de 2002, uma loucura de cidade com infindáveis e altíssimos edifícios que revelam uma impensável e insuperável especulação imobiliária urbana, de fato, um “negócio da China” relacionado com essa atividade especulativa. Aí, chegando ao avião de volta para Roma, fiz este desenho sob efeito da recente vivência e imaginação, formado de milhares de pontinhos que consumiram grande parte do tempo da viagem.

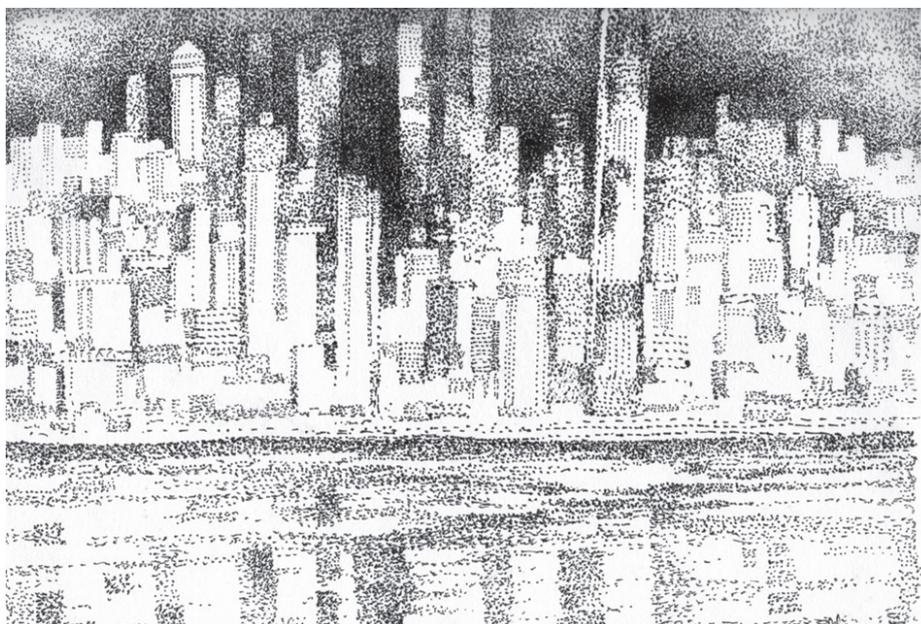


Imagem 6 - Hong Kong - 2002

Em 1989 fui a Bilbao para ver o Museu Guggenheim, projeto de Frank Ghery, e fiz vários desenhos do Museu, inclusive dos interiores, pois não deixavam filmar. De fato, o projeto é surpreendente, particularmente seu interior; um delírio arquitetônico, uma mega escultura feita com gesso cartonado.

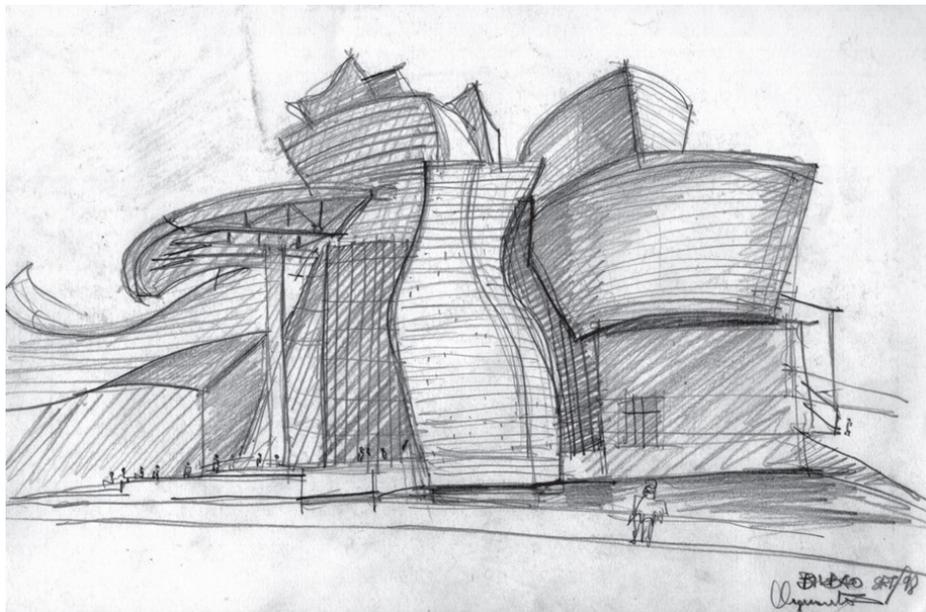


Imagem 7 - Museu Guggenheim - Bilbao - 1998

Este é um desenho recente do *Times Square*, de 2006; neste ano fiz muitos desenhos que interpretam com muita liberdade e imaginação a cidade de Nova Iorque. O quadro que segue é uma pintura (técnica mista, tinta acrílica e colagem de dizeres), com duas luas e, no alto dos edifícios, anúncios com os seguintes dizeres: paz, amor, felicidade, alegria, amor, afeto e fé, expressões retiradas do calendário do Banco do Brasil. No edifício mais alto da paisagem, coloquei o logotipo do mencionado Banco, evidenciando, assim e ironicamente, que os referidos dizeres se encontram sob a égide do Capital.

Este quadro, com a mesma técnica, porém sem colagem, foi cedido ao Liceu de Artes para um painel externo em sua sede, formado por quadros de 80 artistas baianos, todos de 1,00 m x 1,00 m. Não tenho ideia de seu estado atual de preservação. A expressão formal dá a impressão de que se trata de um desenho digitado, mas é bem artesanal, feito por sobreposição de tintas, utilizando fita adesiva. É de 2002.

Este quadro, também com a mesma técnica do quadro anterior, é de 2004, sobre uma chapa espelhada de aço inox. Trata-se de uma visão do alto de uma cidade

moderna com seu variado repertório geométrico. É um trabalho que levei muito tempo para terminar. Quando se vai a uma igreja barroca, olhando para o teto, geralmente se vê o céu, uma visão celestial. Ao contrário, olhando para o forro de meu dormitório, vejo a terra, a cidade com seu repertório de edificações, predominantemente geométricas, de inspiração modernista.

Concluindo, apresentei uma breve trajetória de minhas atividades enquanto arquiteto, *designer* e artista plástico. É verdade que não tivemos tempo para falar um pouco da minha trajetória de cinquenta anos de ensino, e das mudanças ocorridas na minha forma de pensar, que foram muitas, e de minha visão de mundo enquanto posicionamento ético. Fico devendo estes relatos para uma outra palestra.

Muito obrigado pela atenção e permanência plena neste auditório, apesar do incômodo horário desta palestra, iniciada às 12 h e finda agora, às 13h30 min. Obrigado.

Nota

¹ Todas as ilustrações aqui apresentadas foram fotografadas por Ariadne Moraes, Luiz Antonio de Souza ou Rosa Ribeiro.